

O MOVIMENTO NEGRO UNIVERSITÁRIO PELO OLHAR DOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS: PRÁTICAS TRANSFORMADORAS E PERTENCIMENTO ACADÊMICO

JULIANA SILVA SANTOS

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) Ibirité, Minas Gerais, Brasil

RESUMO: Este artigo, desenvolvido a partir dos estudos dos letramentos como prática social e das relações étnico-raciais, objetiva lançar olhares sobre o movimento negro apontando elementos que o caracterizam como agente de letramento acadêmico. Para uma melhor compreensão desse aspecto, foi feita uma pesquisa de campo com um grupo de estudantes negros de uma universidade pública brasileira a partir de uma abordagem etnográfica como enfoque teórico-metodológico. Como resultado, foi possível depreender que a agência do movimento negro acadêmico apresenta um caráter afirmativo e que promove uma transformação gradativa dos letramentos acadêmicos, tanto por meio da busca por pertencimento efetivo da população negra no espaço universitário quanto pela inserção de sua história, saberes e trajetórias.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Negro; Letramentos Acadêmicos; Transformação. Universidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca refletir sobre ações do movimento negro universitário a partir do campo dos letramentos como prática social e das relações étnico-raciais. Nesse sentido, objetivamos discutir os sentidos da militância antirracista para os letramentos acadêmicos por meio de reflexões oriundas de uma pesquisa de campo com um grupo de estudantes negros e negras universitários chamado Centro de Estudos sobre Raça e Interseccionalidades (CERI)², cujos integrantes são estudantes da Faculdade de Medicina de uma universidade pública brasileira.

Para o desenvolvimento da pesquisa em que este artigo foi baseado, foi utilizada uma abordagem etnográfica como lógica de investigação (GREEN; BLOOME, 1997; GREEN; DIXON; ZAHARLICK, 2005; GREEN; BLOOME, 1997), cujos dados para análise foram gerados com base em uma pesquisa de campo de acompanhamento das ações do CERI. A partir das reflexões aqui trazidas, defendemos que o movimento negro universitário é também um agente de ações afirmativas, expandindo os sentidos dessa política para além das reivindicações de ingresso para abarcar, também, práticas para o pertencimento e a transformação dos letramentos acadêmicos, favorecendo uma trajetória satisfatória das populações negra, indígena e de baixa renda nas universidades.

As análises dos dados gerados foram feitas a partir dos campos teóricos dos letramentos acadêmicos (LEA; STREET, 2014; LILLIS *et al.* 2015), desenvolvido a partir dos Novos Estudos do Letramento (NEL) (GEE, 2008; STREET, 1984, 1988) e das relações étnico-raciais (GOMES, 2012, 2017; GONZALEZ; HASENBALG, 1982). Dessa forma, entendemos que é por meio das atividades realizadas pelo movimento negro no espaço universitário que se torna possível caracterizá-lo como agente de ações que adquirem

caráter afirmativo, que constituem e transformam as práticas sociais desenvolvidas no espaço acadêmico.

A importância de se considerar o movimento negro como agente promotor de ações de caráter afirmativo não é recente. De acordo com Gomes (2017), a reivindicação por políticas de ações afirmativas em universidades, por exemplo, faz parte das discussões do movimento negro desde meados do século XX, com a atuação de um grande e expressivo grupo de intelectuais. Contudo, são históricas as reivindicações pelo acesso de pessoas negras aos espaços educacionais desde a educação básica, bem como a luta por direitos de forma mais ampla. Dessa forma, torna-se possível pensar as ações afirmativas a partir de uma perspectiva que vai além da reivindicação pelo ingresso nas universidades, para abarcar, também, ações para uma efetiva equidade de acesso a direitos básicos como educação e emprego.

Ao considerar o movimento negro acadêmico em toda a sua diversidade e multiplicidade de ações, entendemos que esse segmento da militância é também criador de espaços de pertencimento nas universidades (SANTOS, 2021). Em nossas análises, isso ocorre por meio da luta por inserção da história, do corpo e do reconhecimento da população negra como produtora de conhecimentos na academia, favorecendo, assim, o aumento da participação de estudantes negros e negras em recursos disponíveis no ensino superior. Nas próximas seções, buscaremos apresentar elementos teóricos do campo dos letramentos como prática social e das relações étnico-raciais que favorecem uma compreensão do movimento negro universitário como agente de práticas transformadoras dos letramentos acadêmicos.

A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA COMO APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO: A BUSCA PELO PERTENCIMENTO ACADÊMICO

O processo reflexivo que sustentou o trabalho de campo em que este artigo foi baseado gerou uma série de questões orientadoras, por sua vez elaboradas no decorrer do acompanhamento de atividades do grupo CERI. Tal procedimento caracterizou a abordagem etnográfica para o desenvolvimento teórico metodológico da pesquisa e serviu de base para a questão que conduziu o desenvolvimento deste artigo, apresentada a seguir: qual o sentido das ações desenvolvidas pelos participantes do CERI na universidade, considerando os letramentos desenvolvidos na academia e as políticas de ações afirmativas? A questão é relevante, uma vez que, em uma perspectiva etnográfica, é preciso ressaltar seu direcionamento ao estudo de aspectos particulares do cotidiano e das práticas de determinado grupo social. Esses aspectos, por sua vez, devem estar associados a teorias interpretativas de diferentes campos do saber, como a antropologia ou a sociologia (GREEN; BLOOME, 1997). Nesse sentido, o pesquisador ou pesquisadora não apenas faz uso de ferramentas comuns à etnografia como também realiza o acompanhamento das atividades de determinado grupo, gerando, assim, arquivos como notas de campo, gravações, fotografias, entre outras ferramentas de análise. Tal perspectiva foi utilizada para uma compreensão das ações do CERI na universidade: foram acompanhadas reuniões do grupo, eventos organizados por eles e ações políticas que geraram materiais de investigação, como o registro de imagem e os trechos de entrevistas utilizados neste trabalho.

A partir do acompanhamento do cotidiano do CERI, foi possível apreender a criação de um senso de pertencimento à universidade, que se fez por duas vias fundamentais:

SANTOS, J. S.

a primeira delas foi a busca para que estudantes negros pudessem usufruir do acesso à política de cotas no ingresso à Faculdade de Medicina por meio da fiscalização do ingresso na universidade de estudantes brancos através da política de cotas. A outra vertente dessa criação de um senso de pertencimento ao CERI e, por consequência, à universidade pôde ser observada a partir de ações de integrantes do grupo para que estudantes negros do curso de Medicina pudessem ter um espaço para a discussão na faculdade sobre temáticas étnico-raciais, por meio da conformação do CERI em um grupo de estudos. Dessa forma, foi possível entender que, a partir do grupo, os integrantes criaram espaços de pertencimento que favoreceram o acesso e a permanência de estudantes negros na universidade de forma ampla, e não apenas para aqueles cujo ingresso tivesse se dado por ações afirmativas. Nesse sentido, a partir da abordagem etnográfica, foi possível compreender os sentidos das práticas sociais de militância antirracista nas ações do CERI, a quais contextos sociais mais amplos tais práticas se vinculam, a relação destas com os letramentos desenvolvidos nas universidades e a busca pelo pertencimento de estudantes negros à universidade.

OS NOVOS ESTUDOS DO LETRAMENTO E OS LETRAMENTOS ACADÊMICOS

De acordo com Gee (2008), para se compreender o funcionamento da leitura e da escrita no campo teórico dos Novos Estudos do Letramento (NEL) é preciso não olhar para elas diretamente. Antes sim, afirma o autor, é necessário observar as práticas sociais e os contextos específicos que as envolvem, de maneira que se possa perceber como leitura e escrita sempre se ligam à manifestação de identidades, aos usos da linguagem oral, das crenças, aos contextos políticos, às formas de sentir, dentre outros modelos sociais mais amplos que permitem aos sujeitos agir e significar para determinados objetivos. Tal perspectiva embasa o entendimento dos letramentos como prática social, no plural, em vez de uma visão que considere os letramentos a partir de um viés único e totalizante, que estabelece um modelo a ser seguido. Há, portanto, uma nova orientação sobre os estudos da linguagem no campo dos letramentos: de uma perspectiva individual e cognitiva para um olhar para as práticas sociais e interacionais entre os sujeitos, buscando compreender quais os significados e os efeitos dessas práticas no cotidiano dos sujeitos.

Uma visão dos letramentos no plural e como uma prática social, mais do que uma opção terminológica, abre campo para se refletir sobre a diversidade de letramentos e a relação destes com a oralidade, com o simbólico, com as identidades, bem como sobre seus usos e as consequências sociais em um dado contexto. Por essa razão, os letramentos são considerados como situados, local e historicamente, favorecendo a construção de sentidos para finalidades diversas. Estes, por sua vez, se ligam às trajetórias dos sujeitos, às identidades e ao histórico que os atravessam.

Dado que este trabalho discute acerca das práticas de letramento desenvolvidas por um grupo representante do movimento negro acadêmico, o CERI, importa refletir como o desenvolvimento dessas práticas operam quando voltadas para o contexto universitário, os chamados letramentos acadêmicos (LEA; STREET, 2014; LILLIS *et al.*, 2015). A partir desse campo de estudos, entende-se que é indispensável um olhar para o percurso acadêmico de estudantes nas práticas de letramento acadêmico, sem desconsiderar que suas produções estão situadas em contextos institucionais, nas relações de poder e nas identidades (LEA; STREET, 2014).

Isto posto, Lea e Street (2014) apontam que no campo dos letramentos acadêmicos há necessidade de se privilegiar a diversidade e as especificidades que

compõem as práticas institucionais, e “a luta dos estudantes para que essas práticas façam sentido” (LEA; STREET, 2014, p. 491). Nesse sentido, importa trazer considerações sobre a abordagem transformadora dos letramentos acadêmicos, que coloca em cena o papel de estudantes no processo de mudança das estruturas acadêmicas. Assim,

Os Aclits [letramentos acadêmicos] também têm encorajado uma postura transformadora em relação à escrita e aos letramentos que coloca em primeiro plano questões adicionais, tais como: como as convenções particulares se tornaram legitimadas - e quais poderiam ser as alternativas a elas? Até que ponto elas servem para a construção de conhecimentos - e [até que ponto] são possíveis outras formas de construir conhecimentos, outros tipos de saber/formas de conhecer? De quem são os interesses e desejos epistemológicos e ideológicos refletidos e possibilitados por essas convenções particulares - e de quem são os interesses e desejos que podem estar sendo excluídos? (LILLIS *et. al.*, 2015, p. 9, tradução nossa¹)

Desse modo, numa prática transformadora dos letramentos acadêmicos, há a busca por espaços de negociação, em que convenções teóricas estabelecidas podem ser pensadas, discutidas, repensadas ou mesmo contestadas a partir de outros paradigmas para a produção acadêmica, além daqueles já legitimados a partir de uma perspectiva ocidental e colonialista, por exemplo. Para uma abordagem transformadora dos letramentos acadêmicos, portanto, é preciso que pesquisadores busquem uma postura de análise pós-colonial, que questione as estruturas da produção de conhecimentos e daquilo que é tido como saber relevante e universal.

Outro elemento de destaque para esta discussão é a noção de identidade. Conforme elucida Hall (2000), as identidades não são entidades fixas e determinadas, mas se configuram num processo de transformação constante, fazendo com que o sujeito possa transitar em múltiplas identidades ao longo de sua vida. Assim, a noção de identidade de uma perspectiva pós-colonial busca significar

o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 2000, p. 111).

Assim, entendemos que é a partir do campo das identidades negras que o CERl constitui uma forma de pertencimento acadêmico e transformação das práticas de letramento acadêmico. A construção de identidades é, portanto, complexa, formada pela passagem dos sujeitos em diversos ambientes, como o lar e agrupamentos sociais, a exemplo do movimento negro. Tais espaços funcionam, ainda, como agências de letramento, ou seja, espaços sociais em que os indivíduos realizam diferentes práticas

SANTOS, J. S.

sociais no sentido de agir para fins específicos, como a escola, o lar, os movimentos sociais, entre outros (STREET, 2018). Dessa forma, ainda que escolas e universidades funcionem como agências de letramento socialmente reconhecidas, os NEL nos convidam a considerar outras agências, já que a partir delas os sujeitos iniciam a construção de suas identidades e agregam conhecimentos que favorecerão sua ação no mundo, inclusive, nas agências formais de letramento, como a escola e a universidade.

O MOVIMENTO NEGRO COMO AGÊNCIA DE LETRAMENTO: EDUCAÇÃO E LUTA ANTIRRACISTA

Ao analisarmos a população negra ao longo da história, é possível dizer que, seja por meio de agências formais de letramento ou não, ela sempre se organizou para o desenvolvimento de práticas de letramento. De acordo com Gomes (2012), essa busca pela educação ocorria a despeito das interdições impostas pela escravização e pelo racismo estrutural e estruturante das relações sociais. Ao situarmos a luta desse grupo no contexto social brasileiro, importa considerar, com Gonzalez e Hasenbalg (1982, p. 89), que “a raça, como atributo social e historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social”. Na busca por uma reelaboração dessas relações, emerge a atuação de movimentos negros, a exemplo do CERL. Esses movimentos funcionam como agências não formais de letramento que buscam por uma “ressignificação e politização emancipatória da raça [...] com destaque para as suas ações políticas em prol da educação, as quais têm conseguido provocar mudanças na esfera do Estado” (GOMES, 2012, p. 728). Nesse sentido, ao se considerar o movimento negro brasileiro como agência de letramento, é possível concordar com Gomes (2017) quando afirma que os movimentos sociais são grandes produtores de saberes emancipatórios. Para a autora, isso ocorre, sobretudo, nos campos da educação, da antropologia e da sociologia, especialmente no questionamento da produção científica tradicional nesses campos do saber.

As formas de expressão do movimento negro na contemporaneidade são diversas, tanto em reivindicações quanto nas plataformas utilizadas para expô-las. Dessa forma, além do movimento acadêmico, há atuações por meio das religiões afro-brasileiras, de mulheres, de juventudes, entre outras. Nesse sentido, para Gomes (2017), os movimentos sociais resgatam, ressignificam ou fazem surgir novos conhecimentos e conceitos, com especial destaque para a questão racial, que foi apagada ou mesmo enviesada na produção científica tradicional. Por essa perspectiva, a autora defende que o movimento negro assumiu o caráter de ator político, ou seja, entidade social que, por meio de suas ações, politiza e educa a população brasileira quanto à temática racial. Assim,

se não fosse a luta do Movimento Negro nas suas mais diversas formas de expressão e de organização – com todas as tensões, os desafios e os limites –, muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória não teria sido construído. E nem as políticas de promoção da igualdade racial teriam sido construídas e implementadas (GOMES, 2017, p. 19).

A partir das considerações da autora, entendemos que o movimento negro não apenas pleiteia junto ao Estado a criação de políticas públicas para a inserção da

população negra na sociedade, como muitas vezes ele mesmo faz o papel dessas políticas, especialmente quando há ausência do Estado na solução de desigualdades. Ao considerar este artigo a partir da atuação do CERI como movimento negro no espaço universitário, o conceito de identidade discutido previamente é relevante, não apenas para assinalar a existência de uma diversidade de práticas de letramento em todas as esferas da relação humana, como também para auxiliar na compreensão das diferenças entre o próprio movimento negro. Essa é a concepção defendida por Gonzalez e Hasenbalg (1982), que afirmam a necessidade de considerar as complexidades e variantes sobre o movimento negro, em vez de considerá-lo um bloco unitário, monolítico. Tais variantes, de ordem cultural, regional, entre outros aspectos, constituíram não apenas as diferenças de ação do movimento negro contemporâneo, como diferentes modos de reação ao escravismo e ao racismo ao longo da história. Assim,

os diferentes valores culturais trazidos pelos povos africanos que para cá vieram [Brasil] (iorubas ou nagôs, daomeanos, malês, muçulmanos, angolanos, congoleses, ganenses, moçambicanos etc), apesar da redução à igualdade, imposta pela escravidão, já nos levam a pensar em diversidade. Além disso, os quilombos, enquanto formações sociais alternativas, o movimento revolucionário dos malês, as irmandades (tipo N. S. do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos), as sociedades de ajuda (como a Sociedade dos Desvalidos de Salvador), o candomblé, a participação em movimentos populares etc., constituíram-se em diferentes tipos de resposta dados ao regime escravista (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p. 18, grifo nosso).

Dessa forma, levando-se em conta a diversidade de trajetórias e ações dos indivíduos que compõem o movimento negro, Gonzalez e Hasenbalg (1982) sublinham que não se pode falar em movimento negro como entidade fixa, mas, sim, *movimentos negros no Movimento Negro*.

Ao final do século XX, a partir dos anos 1990, Gomes (2017) chama atenção para uma atuação do movimento negro que leva em conta o questionamento de conceitos universais de igualdade. Nesse sentido, é possível depreender que, a partir desse período, a luta contra o racismo começa a se voltar para um direcionamento mais discursivo e acadêmico, a exemplo das críticas ao imaginário de uma suposta harmonia racial brasileira, notadamente quando emergem os debates sobre a implementação de cotas raciais. Há maior centralidade nas reivindicações por ações afirmativas e ênfase na centralidade da raça nos processos de desigualdade existentes no Brasil, fato que Gomes (2017) entende como *nova fase do Movimento Negro*. Assim, a partir de suas mobilizações, é possível conceber o movimento negro como grande elemento transformador das sociedades que favoreceu, inclusive, a criação de políticas afirmativas de recorte racial no Brasil, como a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (BRASIL, 2016). A partir da política de reserva de vagas, tem sido possível perceber um aumento considerável da criação de movimentos negros nas universidades, como é o caso do CERI. É, portanto, com base no entendimento das diferentes possibilidades de ação desse movimento social que Gomes (2017) traz uma definição de movimento negro que compreende:

SANTOS, J. S.

As mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. (GOMES, 2017, p. 23-24).

Nesse sentido, é possível depreender que as articulações do movimento negro são inerentemente afirmativas, uma vez que a busca por estratégias para a superação do racismo em diversas frentes está sempre pautada nas ações desse movimento. Por essa via, concordamos com Gomes (2017) ao apontar que o movimento negro se caracteriza como ator político que constrói, sistematiza e articula saberes produzidos pela população negra desde momentos mais remotos da história brasileira em relação à diáspora africana. Com base no potencial educador desse movimento, suas ações não devem ser vistas como circunstanciais, mas, sim, como produção de conhecimentos de caráter afirmativo e transformadores das práticas de letramento acadêmico por meio da criação de espaços de pertencimento, como buscamos analisar pelas ações do CERl na seção a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: AÇÕES DE MILITÂNCIA ANTIRRACISTA PARA O PERTENCIMENTO E PRÁTICAS TRANSFORMADORAS DOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS

De maneira a atender a questão proposta neste trabalho, foi importante investigar as ações desenvolvidas pelo CERl no cenário em que seus integrantes estão inseridos: a Faculdade de Medicina de uma universidade pública de âmbito federal brasileira. Dessa maneira, é preciso considerar que o curso de Medicina, nesse contexto de nação, não apenas é bastante tradicional, como também historicamente recebe estudantes brancos e oriundos das classes sociais mais privilegiadas. Com base nesse quadro, em 2018 foi criado o CERl, com o objetivo de fomentar o debate étnico-racial na referida Faculdade de Medicina, debate este que era praticamente inexistente no espaço em questão.

O CERl é um grupo que, embora possua um núcleo organizador, é aberto à participação de todos/as os/as discentes negros e negras da universidade e da comunidade externa a ela, sejam estes da área da saúde ou não. A pesquisa de campo com o CERl demonstrou que suas ações tiveram início com reivindicações por fiscalização de ações afirmativas por parte da instituição e se expandiram para a criação de ações, na universidade, pautadas pela militância antirracista. Assim, o grupo realiza atividades diversas na faculdade, como reuniões de grupos de estudos, de organização, eventos acadêmicos, recepções de calouros, ações políticas, entre outras atividades, que podem ser caracterizadas como estratégias que buscam o pertencimento de estudantes negros e a transformação das práticas de letramento acadêmico a partir da Faculdade de Medicina. De maneira a demonstrar essa caracterização, dentre os materiais gerados para análise na pesquisa de campo, foram selecionados trechos de entrevistas e a imagem de uma mensagem de texto que convocava estudantes negros para uma ação de denúncia contra o racismo, veiculada por uma rede social.

Os trechos de entrevistas destacados neste trabalho são contribuições de três integrantes do CERl: Januária, Olhos d'água e M.V. Os nomes apresentados para a identificação de cada integrante do CERl são fictícios e foram escolhidos por eles mesmos durante o período de pesquisa de campo. O primeiro trecho destacado é de Januária. Como aponta a estudante, a ideia de criação do grupo surgiu por iniciativa própria de discentes negros e negras da Faculdade de Medicina, a partir do objetivo de fiscalização da implementação da Lei nº 12.711/2012, a Lei de cotas. O objetivo era de que fosse evitado que pessoas brancas fizessem uso indevido da política, ato nomeado pela estudante como "fraudes de cota":

A gente criou o CERl, né? A gente criou... primeiro, era porque a gente 'tava (sic) tentando se mobilizar com relação às fraudes de cota. Então assim, era, sei lá, mais focado na Medicina e nas fraudes de cota daqui, sabe? Tentar ver quais eram os calouros, ver se a gente conseguia impedir ou então fazer alguma denúncia formal e tudo mais. Então assim, já foram várias pessoas pretas aqui que se mobilizando contra a fraude de cotas. E aí depois, eu não sei em que momento foi exatamente que o CERl virou um grupo de estudos, mas... acho que foi a lara que deu a ideia, né (sic)? Porque a gente... porque ela falou assim: "ai, eu sinto uma necessidade de discutir sobre negritude". Não só de discutir, mas assim, de discutir e aprender, sabe? Ter... acho que um discurso mais qualificado, estudar... estudar pessoas negras, sabe? Falas de estudiosos negros – que isso a gente não tem, a gente aprende sempre assim, com aquele viés branco. E ela falou assim: "por que isso? Por que a gente não se organiza e traz textos e materiais produzidos por pessoas negras pra gente se empoderar e pensar e discutir saúde?" E discutir na sala, sabe? O professor que acha que não é importante, por exemplo, marcar a raça do paciente, sabe? E aí acho que surgiu mais ou menos nesse contexto assim. Acabou que a gente expandiu pra falar não só da saúde, mas, sei lá, de questões afetivas, de... do negro na universidade, tipo assim, vários temas. Mas acho que surgiu mais ou menos assim. (Januária. Trecho 1 da entrevista em grupo com integrantes do CERl, concedida em 19/09/2019).

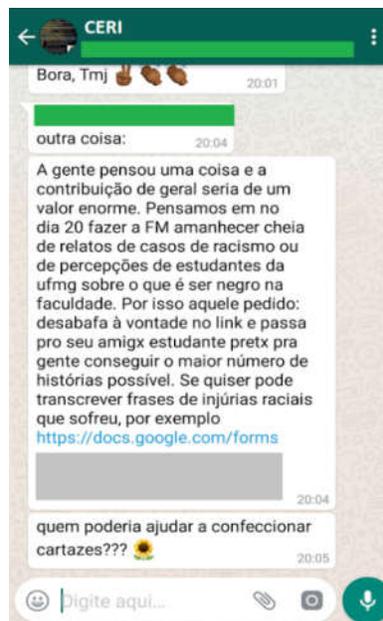
Na percepção dos participantes do CERl e como explicado por Januária, existia uma lacuna em relação à abordagem da temática racial no curso de Medicina, além de uma falta de fiscalização da universidade sobre os candidatos ao curso que fazem uso da reserva de vagas para negros para o ingresso em Medicina. Dessa maneira, pelo discurso de Januária, é possível perceber uma agência do grupo que se direciona em duas vertentes: a primeira delas teria sido uma ação contra as fraudes nas cotas para o ingresso na universidade, o que sugere uma agência desse movimento negro no sentido de cobrir uma lacuna do Estado e da universidade na fiscalização da política de cotas. A outra vertente de agência do grupo, como demonstra a fala da estudante, remete a uma reivindicação histórica do movimento negro: a inserção da discussão da temática étnico-racial nas instituições de ensino superior, ação esta realizada pelo grupo dada a inoperância da universidade em trazer o debate para as salas de aula. A partir da presença dessas duas vias de ação, o CERl expande suas ações da fiscalização da política de cotas para a criação de um grupo de estudos. Nesse caso, é possível perceber o uso

de práticas que caracterizam uma busca pela transformação dos letramentos na academia, o que ocorre, por exemplo, quando é sugestionado que os integrantes tragam materiais de pessoas negras para que possam estudar e modificar o debate em sala de aula. Há, portanto, uma pressão por transformação do ensino superior que não parte da instituição, mas da organização antirracista dos discentes integrantes do CERI.

Nesse sentido, as ações do grupo favorecem ainda a criação de espaços de pertencimento para estudantes negros e negras na academia, o que ocorre pela união dos estudantes para o debate racial na saúde, bem como pela criação de oportunidades para a dimensão do afeto ganhe espaço na academia. Assim, a partir do trecho da entrevista, é desvelado que o caráter de agência de letramento do grupo foi pontuado desde sua gênese, o que se mostra quando Januária relata que a integrante Lara havia dito aos colegas sobre a necessidade de se criar um grupo não só para discutir, mas também para “aprender”, “estudar pessoas negras” e adquirir um “discurso mais qualificado” sobre relações raciais. Por essa via, a partir do trecho destacado, uma das principais características de ações de caráter afirmativo do grupo se faz visível: a inclusão da temática racial na discussão sobre saúde, bem como a busca por afirmar as identidades negras, como na autodeclaração de pacientes durante a prática clínica dos estudantes.

Já na Figura 1, a seguir, destacamos o uso de uma rede social pelos integrantes do CERI para realizar uma convocatória para uma ação de denúncia sobre situações de racismo na Faculdade de Medicina em que os integrantes estudam.

Figura 1 – Convocação do CERI via rede social para a realização de cartazes de denúncia sobre racismo



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao correlacionarmos a Figura 1 com a ausência de discussões sobre a temática racial na Faculdade de Medicina apontada por Januária no Trecho 1 da entrevista, é possível perceber que a agência dos participantes do CERI inclui explicitar para a referida comunidade acadêmica “o que é ser negro na faculdade” (Figura 1). A construção da frase, que passa por uma lógica de definição sobre algo (o que é ser) denota a ausência de espaços de poder como a referida faculdade. Mais ainda, é possível perceber o dialogismo constitutivo da linguagem (BAKHTIN, 2006), já que o dito na mensagem – “demonstrar o que é ser negro na faculdade” – implica um não dito implícito – “não há conhecimento sobre o que é ser negro naquele espaço”. Pela noção de dialogismo, é imperioso considerar que a palavra é constitutivamente interativa e historicamente construída. E como apontam Bloome e Bailey (1992), também são históricos os eventos de letramento, conectados entre si, assim como também são históricas as pessoas neles envolvidas. Na ação dos estudantes demonstrada na Figura 1, portanto, é possível perceber que a confecção dos cartazes sugerida no texto demonstra uma escrita que se busca afirmativa (SITO, 2016), utilizada para fazer presentes os corpos negros no espaço acadêmico por meio de suas vivências na Universidade, subvertendo, assim, colonialidades.

Essa busca por uma escrita afirmativa se mostra, também, na forma como locutor ou locutora se posiciona na escrita da mensagem: tanto o próprio ato em si, de veicular uma mensagem que busca expor casos de racismo na Universidade, quanto na escolha lexical, pelo uso do “X” em “amigx” e “pretx”. Tal construção demonstra conhecimento sobre o debate de gênero sexual e constrói, no texto, uma identidade que reconhece e apoia não só a luta racial, como também a de orientação sexual. Há ainda o uso de uma linguagem coloquial, adequada ao suporte virtual em que a mensagem foi veiculada, que busca uma maior proximidade com o interlocutor ou interlocutora que a lerá. Nesse sentido, é possível sugerir ainda que a ação em análise coloca em evidência um modo de uso de plataformas digitais para as reivindicações do movimento negro e da escrita para denunciar processos violentos vividos por estudantes negros/as no espaço acadêmico.

A busca por diversificação de saberes para a transformação do espaço acadêmico

A questão de uma prática transformadora dos letramentos acadêmicos se faz visível por via do relato trazido pela integrante Olhos d’água, transcrito a seguir. De acordo com a estudante, por meio de ações do CERI foi possível provocar mudanças na grade curricular do curso de medicina para a inclusão do debate racial em uma disciplina da graduação:

O que eu acho que foi o maior impacto, assim, de tanto de eu ter... não sei da onde (sic) que eu tirei a audácia de falar as coisas, como dela [uma professora] ter ido numa reunião do CERI, foi o que mudou um pouco da grade de Ciências Sociais [Aplicadas à Saúde] agora. E aí é a primeira mudança assim que tem, porque agora o estudo de negritude e interseccionalidade é obrigatório. [...] Mas assim, porque eu também cobrei muito na época sobre essa questão acadêmica branca como única produtora de conhecimento,

a negligência de conhecimentos quilombolas e indígenas a não ser por roubo, sabe? [...] E aí eu acho importante, porque é falar sobre saúde com outro tipo de conhecimento, com uma pessoa negra falando, sabe? (Olhos d'água. Trecho 2 da entrevista em grupo com integrantes do CERI, concedida em 27/09/2019).

Como apontado no Trecho 2, a partir de ações do grupo ocorreram mudanças na grade curricular no curso de Medicina, o que pode significar uma abertura das convenções acadêmicas de que tratam as práticas transformadoras dos letramentos acadêmicos, tendo em vista a possibilidade de reconhecimento, por parte da instituição, da não homogeneidade dos estudantes e da necessidade de considerar outros saberes e trajetórias para além daqueles historicamente estabelecidos. De acordo com a estudante Olhos d'água, o CERI foi fundamental para essa mudança na grade curricular do curso, já que, segundo a integrante, o estudo de negritude e interseccionalidade na disciplina "Ciências Sociais Aplicadas à Saúde" se tornou obrigatório no curso. Dessa forma, por meio da ação do CERI, é possível perceber um questionamento às convenções da produção de conhecimentos na medicina e na academia que invisibiliza os saberes das populações negras (quilombolas – Trecho 2) e indígenas. Por meio dessa ação da integrante do CERI, foi possível depreender um questionamento por parte do grupo às bases coloniais ainda presentes nas universidades, possibilitando uma revisão do imaginário de que o conhecimento relevante tem um caráter universal e é de base branca europeia.

É possível inferir, ainda, que o fato de estudantes negros/as se unirem para compor o CERI favorece a afirmação de uma identidade negra na universidade. Isso se mostra no Trecho 2, ao considerarmos que Olhos d'água afirma ter "tomado coragem" para insistir na relevância de conhecimentos quilombolas e indígenas em sala de aula como um primeiro impacto das ações do grupo na Faculdade de Medicina.

Já no trecho da entrevista do integrante M. V., transcrito a seguir, é possível notar um dos princípios de pesquisas do campo dos letramentos acadêmicos: o reconhecimento de recursos pessoais que os indivíduos trazem para o contexto universitário e a relação de complementaridade que esses recursos exercem no conhecimento acadêmico. No caso em tela, o relato de M. V. trazido no Trecho 3 a seguir expõe a multiplicidade de práticas sociais em que ele se engaja, como a militância antirracista, a LGBTQIAP+ e do Diretório Acadêmico (D. A.), e como as ações desenvolvidas nesses espaços da militância, que podem ser entendidos como agências não formais de letramento, são trazidas por ele para a sua prática acadêmica cotidiana.

Esse semestre [2019/02] eu entrei numa iniciação científica que, na verdade, eu conheci professores dela através da militância, assim da mobilização nos atos e tals (sic) – e uma vez ele [um professor] me chamou enquanto D. A. pra ir falar numa disciplina da pós que eles dão, é Infectologia, né? E aí, tipo assim, porque são professores que tão assim é uma área que sempre, historicamente, lidou com população vulnerável, a maioria de pessoas negras, população LGBT, ou gente muito vulnerável mesmo, que 'tá (sic) exposto a doenças infectoparasitárias e tal, aí é completamente diferente. É nesse ambiente que eu falo, "é, talvez tenha um lugar aqui, na instituição como ela existe hoje, pra pessoas como eu". (M. V. Trecho 3 da entrevista em grupo com integrantes do CERI, concedida em 19/09/2019).

A partir do relato do estudante evidenciado no Trecho 3, é possível perceber como as identidades e as trajetórias vivenciadas por M. V. estão implicadas nas atividades acadêmicas em que ele se engaja, como demonstra o seu envolvimento com a militância e com uma iniciação científica que busca lidar com pessoas em situação de vulnerabilidade social. Nesse aspecto, é possível perceber novamente o caráter afirmativo que integrantes do CERL imprimem na universidade, revelando uma possibilidade de complementaridade entre práticas sociais desenvolvidas na academia e na militância, para uma inserção efetiva de grupos como a população negra e LGBTQIAP+.

No relato de M. V. também é possível perceber o funcionamento dos movimentos sociais como agências de letramento que favorecem o pertencimento acadêmico, historicamente reivindicados pela população negra brasileira. Isso porque, como demonstra o trecho, o professor convida o estudante para a iniciação científica e para uma exposição na pós-graduação após um contato inicial entre ambos a partir da militância. Dessa forma, o senso de pertencimento e de acesso de estudantes negros aos recursos da universidade favorecido pelo CERL permitiu uma participação mais satisfatória dos integrantes do grupo no espaço acadêmico, espaço este que, muitas vezes, é posto como estrangeiro à população negra em decorrência das assimetrias provocadas pelo racismo estrutural.

A partir das análises das ações do grupo, foi possível depreender que, da mesma forma que os integrantes do CERL promovem ações de caráter afirmativo e criam espaços de pertencimento nas universidades, é importante que as universidades, por sua vez, elaborem meios para a transformação das estruturas acadêmicas para a inclusão da população negra e de outros grupos historicamente subalternizados, respondendo positivamente às demandas por inclusão trazidas pelo movimento negro. Ou, nas palavras de M. V. durante a entrevista no Trecho 3: “é nesse ambiente que eu falo, ‘é, talvez tenha um lugar aqui, na instituição como ela existe hoje, pra pessoas como eu’”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como buscamos demonstrar ao longo deste artigo, entendemos que é necessária a articulação entre diferentes campos do saber para uma compreensão mais ampla sobre os sentidos da luta antirracista dos movimentos negros no campo dos estudos da linguagem. A triangulação teórico-metodológica entre a abordagem etnográfica, os estudos dos letramentos e os estudos das relações étnico-raciais permitiu tornar perceptível essa articulação, assim como demonstrou a importância dos movimentos sociais para a própria construção de saberes no espaço universitário. Assim, foi possível demonstrar que o caráter afirmativo do movimento negro é capaz de tornar a universidade um espaço mais diverso, que leva em conta o histórico dos diferentes grupos sociais, das culturas, e das distintas práticas sociais nas quais os estudantes se engajam e trazem para a academia. Dessa forma, este artigo apresentou elementos para a compreensão do papel de agência de letramento exercido por grupos do movimento negro como o CERL, apontando como essa agência favorece espaços de pertencimento para estudantes negros na universidade, promovendo a transformação de instituições de ensino superior.

De maneira a compreender o movimento negro como agente de letramento e de ações de caráter afirmativo, importa relembrar com Barton e Hamilton (2012) que as

SANTOS, J. S.

práticas de letramento têm suas raízes no passado, sendo necessária a adoção, por parte de pesquisadores, de abordagens históricas que auxiliem na compreensão das ideologias das culturas e tradições nas quais as práticas de letramento contemporânea se baseiam. Como buscamos demonstrar, esse caráter histórico e afirmativo é importante para que se reconheça que, a despeito dos apagamentos causados pelo genocídio e pelo epistemicídio, a população negra se educa desde sempre, por práticas sociais diversas, independentemente de concessões e permissões de grupos dominantes.

Ao considerarmos a historicidade da luta por direitos do movimento negro, entendemos que é preciso considerar a noção de ação afirmativa para além das lutas por acesso, para também abarcar ações que pautam uma permanência bem-sucedida de estudantes negros e negras nos espaços universitários. No caso deste trabalho, tais ações se mostraram, por exemplo, na criação do grupo de estudos que compõe o CERJ, que busca trazer o debate sobre relações raciais no campo da saúde, temática historicamente tornada ausente na universidade.

Por fim, ao se refletir sobre práticas de letramento acadêmico e movimento negro, importa trazer a urgência de se pensar os letramentos como prática social a partir de vozes que nem sempre são levadas em conta no espaço acadêmico. Tal perspectiva coloca em cena o papel das universidades no reconhecimento dos movimentos sociais na composição e para a transformação das instituições de ensino superior, de forma que estas se constituam em espaços mais inclusivos e que reflitam as necessidades reais da população.

Artigo recebido em: 11/01/2023

Aprovado para publicação em: 14/03/2023

THE BLACK UNIVERSITY MOVEMENT THROUGH THE EYES OF ACADEMIC LITERACIES:
TRANSFORMATIVE PRACTICES AND ACADEMIC BELONGING

ABSTRACT: This article, based on the studies of literacies as a social practice and ethnic-racial relations, aims to look at the black movement pointing out elements that characterize it as an agent of academic literacy. For a better understanding of this aspect, a field research was carried out with a group of black students from a Brazilian public university based on an ethnographic study as a theoretical-methodological approach. As a result, it was possible to infer that the agency of the academic black movement presents an affirmative aspect that fosters a gradual transformation of academic literacies, both through the pursuit for effective belonging of black population in the university and through the insertion of their history, knowledge and trajectories.

KEYWORDS: Black Movement; Academic Literacies; Transformation; University.

EL MOVIMIENTO UNIVERSITARIO NEGRO A TRAVÉS DE LOS OJOS DE LAS LITERACIDADES
ACADÉMICAS: PRÁCTICAS TRANSFORMADORAS Y PERTENENCIA ACADÉMICA

RESUMEN: Este artículo, desarrollado a partir de los estudios de las literacidades como práctica social y de las relaciones étnico-raciales, tiene como objetivo observar el movimiento negro

señalando los elementos que lo caracterizan como agente de literacidad académica. Para una mejor comprensión de este aspecto, se realizó una investigación de campo con un grupo de estudiantes negros de una universidad pública brasileña desde un enfoque etnográfico como aproximación teórica y metodológica. Como resultado, fue posible deducir que la agencia del movimiento académico negro tiene un carácter afirmativo y que promueve una transformación gradual de las literacidades académicas, tanto por la búsqueda de una pertenencia efectiva de la población negra en el espacio universitario como por la inserción de su historia, saberes y trayectorias.

PALABRAS CLAVE: Movimiento Negro; Literacidades Académicas; Transformación; Universidad.

NOTAS

1 - Texto original: AcLits has also encouraged a transformative stance towards writing and literacy which foregrounds additional questions such as: how have particular conventions become legitimized—and what might alternatives be? To what extent do they serve knowledge making—and are other ways of making knowledge, and other kinds of knowledge/knowing possible? Whose epistemological and ideological interests and desires do these reflect and enable—and whose interests and desires may be being excluded?

2 - O nome da universidade foi ocultado, bem como foram modificados os nomes do grupo e de seus integrantes para manter o anonimato dos participantes da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local Literacies: reading and writing in one community**. London, England: Routledge, 2012.

BLOOME, D.; BAILEY, F. M. Studying language and literacy through events, particularity, and intertextuality. *In*: BEACH, R. *et al.* (org.). **Multiple Disciplinary Approaches to Researching Language and Literacy**. Urbana, Illinois: NCTE & NCRE, 1992. p. 181-210.

BLOOME, D. Classroom Ethnography. *In*: GRENFELL, M. *et al.* (org.). **Language, Ethnography and Education: Bridging New Literacy Studies and Bourdieu**. New York: Routledge, 2012. p. 7-26.

BRASIL. **Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em: 08 dez. 2022.

SANTOS, J. S.

GEE, J. P. **Social Linguistics and Literacies: Ideology in discourses**. 3. Ed. New York: Routledge, 2008.

GOMES, N. L. Movimento negro e educação: resignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 33, n. 120, p. 727-744, set. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300005>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GREEN, J.; BLOOME, D. Ethnography and ethnographers of and in education: a situated perspective. *In*: FLOOD, J. *et al.* (org.). **Handbook of research on teaching literacy through the communicative and visual arts**. New York: Simon & Schuster Macmillan, 1997. p. 181-202.

GREEN, J. L.; DIXON, C. N.; ZAHARLICK, A. A etnografia como uma lógica de investigação. Tradução: Adail Sebastião Rodrigues Júnior e Maria Lucia Castanheira. Revisão técnica de Marcos Bagno. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 42, p. 13-79, dez. 2005. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n42/n42a02.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

HALL, S. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

LEA, M., STREET, B. V. O modelo de "letramentos acadêmicos": teoria e aplicações. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i2p477-493>>. Acesso em: 12 dez. 2022

LILLIS, T. *et al.* (org.). **Working with academic literacies: case studies towards transformative practice**. Perspectives on writing. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse: Parlor Press, 2015.

LILLIS, T. *et al.* Introduction. *In*: LILLIS, T. *et al.* (org.). **Working with academic literacies: case studies towards transformative practice**. Perspectives on writing. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse: Parlor Press, 2015. P. 3-22.

SANTOS, J. S. **Sentidos de ser e fazer a universidade: trajetórias de grupos de militância negra para o pertencimento e a transformação dos letramentos na academia**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SITO, L. R. S. **Escritas afirmativas: estratégias criativas para subverter a colonialidade em trajetórias de letramento acadêmico**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

STREET, B. V. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. V. Literacy practices and literacy myths. *In*: SALJO, R. (org.). **The written world**. Berlin: Springer Press, 1988. p. 59-72.

JULIANA SILVA SANTOS: Doutora em Educação e Linguagem pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Mestre em Linguística do Texto e do Discurso/Análise do Discurso pela Faculdade de Letras da UFMG. Professora de língua portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - IFMG.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7596-9260>

E-mail: juliana_santos2@yahoo.com.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).